



TURCO MILICIANO E UM CAMPONEZ DE DAMASCO.

A ANTIGUIDADE da fundação das cidades, assim como a das famílias, é brasão de grande estima, até entre as nações pouco civilizadas. Querem todas derivar de remotíssimas eras a sua origem, e se a não podem encontrar nessas obscuridades do passado, dão-lhe o título e a gloria de *immemorial*. A cidade de Damasco na Syria assumiu portanto este epitheto, porque a sua fundação é anterior a toda a historia profana. O Genesis, primeiro livro do Testamento-Velho, e o mais antigo que se conhece, faz menção frequente de Damasco, nos capitulos 14.<sup>o</sup>, 15.<sup>o</sup> e outros. No cap.<sup>o</sup> 11 do L.<sup>o</sup> 1.<sup>o</sup> dos Reis tambem vem nomeada Damasco como capital d'um reino poderoso. Porem a gloria desta cidade não está tanto na sua antiguidade como na sua duração sob todos os dominios: porque tendo sido tomada, saqueada e destruida por varias vezes, outras tantas foi reedificada com esplendor. Babylonia, Ninive, Thebas, Palmyra, e outras, desapareceram da face da terra deixando poucos ou nenhuns vestigios da sua existencia; porem Damasco tem a gloria de ser afamada sempre por sua povoação, fabricas, commercio e riqueza, provavelmente por quarenta seculos; para o que não pode haver outra razão senão o estar asentada no lugar mais delicioso do mundo, em uma fertil planicie, na parte oriental da cordilheira do Anti-Líbano, a pouco mais de 60 leguas ao norte de Jerusalem, e obra de 35 da costa do Mediterraneo. Sempre tem sido cabeça da Syria, e uma das provincias, regidas por baxás, das mais ricas do imperio ottomano: em 1833 a cedeu o Grão-Senhor a Mehemet Ali, vice-rey, ou mais propriamente rei do Egypto, que a tinha anteriormente conquistado. A sua população sobe a 250:000 almas, quasi toda de musulmanos, entrando porem doze mil christãos de varias communhões, e quasi igual numero de judeus; a sorte destes foi ultimamente bem desgraçada; contra elles se commetteram as maiores atrocida-

dades, chegando o caso a pontos de quasi total extermínio, e sendo preciso intervir a favor dos miseros hebreus a auctoridade das potencias europeas, conforme nos tem informado os jornaes politicos do presente anno.

Os soldados que ha nas povoações do districto de Damasco são uma especie de milicianos, á disposição dos governadores, e que só trazem armas quando conduzem papeis d'officio d'um para outro lugar. Aos paisanos é prohibido usar d'armas; e caminham mercadejando com suas fazendas d'uma parte para a outra sem temor nem suspeitas. A gravura acima mostra um destes soldados turcos com o uniforme de serviço, e um camponez da classe mais pobre andando com os soccos e coroga, á moda do paiz.

Beirut ou Bayruth é considerada como o porto de Damasco, e por ahí se exportam para a Europa, atravessando o Mediterraneo, seda em rama, os tecidos da mesma chamados *damascos*, gommás, resinas fragrantés, opio, materiaes para tinturaria, e frutas sêccas; porem o grosso do commercio faz-se por terra. A grande caravana, chamada *Hadji* é mui rica e vai todos os annos a Meca. Em toda a Asia não ha caravanas tão numerosas e opulentas como as de Damasco. Sahem tres regularmente para Bagdad, puramente mercantis; cada uma gasta um mez no transito e vai escoltada por 2:500 homens armados: alem destas partem para Alepo tres em cada mez, afóra varias outras menores para diferentes pontos.

Ha em Damasco grande movimento industrial; as espadas que nesta cidade se fabricavam foram famosas nos antigos tempos, e ainda que decahiram da primitiva excellencia, as que alli se fazem sempre são as melhores folhas e mais estimadas na Asia. Fabricam-se tambem freios, sellas e outros arreios de boa qualidade e grande primor: os ebenistas e embutidores de marfim e madreperola, assim como os ourives e lapidarios são os mais peritos artifices daquel-

las regiões. As lojas nos bazares estão bellamente distribuídas e appresentam mui elegante vista.

Pondo de parte a fruta denominada nas Hespanhas com o vocabulo arabe *albricoque* ou *albericoque*, e cujas variedades se chamam *damascos*; não ommittiremos a famosa tela de seda a que a mesma capital da Syria deu o nome. Primeiramente faziam-se os damascos de seda, lustrosa e variamente lavrada. Este tecido é de grande antiguidade, porque se diz que já os babilonios o tinham usado. O verdadeiro damasco é d'uma só cor; porem os italianos, quando começaram a imita-lo, introduziram varias côres na mesma tela, dando-lhe o nome de *setim de Sicilia*; e chegou a tão consideravel auge este fabrico que as nações europeas proviam-se daquella fazenda das manufacturas da Italia, principalmente de Genova. Os francezes não só imitaram, mas até excederam os italianos na perfeição do tecido. Os hollandezes, e depois delles os inglezes fizeram damascos de panno de linho; e em o nosso paiz todos sabem a estimação que tem as perfeitissimas toalhas de meza e os guardanapos adamascados que se fabricam no districto das Caldas e em Guimarães; serviço de meza, que era o luxo dos nossos maiores, e que não é excedido pelas manufacturas estrangeiras.

#### MARANHÃO.

Não é nossa intenção dar aqui nem uma historia seguida do *Maranhão*, nem ainda uma miúda descripção do que actualmente é esta região. Somente appresentaremos uma pequena collecção de noticias, que nos pareceu não deverem ser mal acceitas á curiosidade de nossos leitores, já por antigas, já por singulares; reservando para mais opportuna occasião appresentar o quadro da actualidade desta grande e fertil provincia do imperio brasilico.

#### I.

##### *Antigo Estado do Maranhão.*

A AMERICA portugueza dividia-se antigamente em dois grandes *Estados*. *Estado do Brasil* ao sul, e *Estado do Maranhão* ao norte. — Este Estado do Maranhão comprehendia as [hoje] provincias do Pará, Maranhão e Seará. Confinava pelo rumo de leste primeiramente com o mar, e depois com o sertão de Pernambuco: pelo sul primeiramente com o sertão da Bahia, depois com as minas de Goyazes, depois destas pelo mesmo rumo de sul com o Cuyabá, Matto-grosso e Missões dos Moxos, e outras povoações pertencentes ao Perú: pelo oeste com o reino de Quito: e pelo norte com o novo reino de Granada, rio Orenoco, chamado tambem Paraguá, provincia de Crácas, ou Carácas dos Castelhanos, Suriname dos Hollandezes, e Caenna dos Francezes. — Desta sorte comprehendia o *Estado do Maranhão* um territorio quasi igual ao restante do Brasil, e se estendia de norte a sul desde as minas de S. Felix até ao rio Yapoco, ou de Vicente Pinçon, ultima raia septentrional da America portugueza; e de leste a oeste desde a barra de Camucim na costa do mar até aos cumes dos rios Japurá e Orenoco. — Passados annos separou-se a capitania do Seará do Estado do Maranhão, o qual era, bem como todas as outras provincias da America portugueza, dividido em capitánias, parte da corôa, e parte de donatarios particulares: mas estas comprou-as todas elrei D. José, e ficou todo o Estado reduzido aos governos e comarcas seguintes. — 1.<sup>o</sup> da parte de leste a capitania do *Piaguay* ou *Piahuy*, limitada da parte de leste com o Seará, Parahiba e Pernambuco:

da parte do sul com o sertão da Bahia e governo dos Goyazes: pela parte de oeste com a capitania do Maranhão: e pelo norte com o mar. — 2.<sup>o</sup> a capitania do *Maranhão*, que tem a leste e sul a capitania do *Piaguay*: a oeste a do Pará: e ao norte o mar. — 3.<sup>o</sup> a capitania do *Pará*, á qual fica da banda de leste a do Maranhão: do sul a capitania de Goyazes, e Cuyabá, e Matto-grosso: do oeste a nova capitania e governo de S. José do Rio-negro, ou de Solimões: e de norte o mar, Caenna, e Suriname. — 4.<sup>o</sup> a capitania mais occidental, que era a de *S. José de Rio-Negro* ou de *Solimões*, que tem a oeste Quito: ao sul Perú: ao norte o novo reino de Granada: e a leste a capitania do Pará.

Havia neste Estado dois bispados; o do Maranhão, mais antigo; e o do Pará, criado em 1720 pouco mais ou menos. O bispado do Maranhão comprehendia as duas capitánias do Maranhão e Piaguay; o do Pará as duas capitánias do Pará e S. José dos Solimões. — Nas divisões do mundo jesuitico formava este Estado uma vice-provincia, não menos célebre pelo indefesso trabalho dos padres na propagação da civilisação por entre as tribus indias do sertão, do que pela tenacidade com que até á ultima contra bispos e governadores desfenderam seu theocratico governo. Se no Maranhão se não guerrear, como no Paraguay, batalhas campaes para desalojar os jesuitas, nem por isso foi necessario empregar da parte do governo da metropole menores forças, nem menos actividade.

#### II.

##### *Antiga capitania de S. Luiz do Maranhão.*

A capitania do Maranhão divide-se da do Piaguay pelo rio Parnahiba; da do Pará pelo rio Gurupy. Comprehende pela costa do mar desde o rio da Parnahiba até á cidade do Maranhão cousa de 70 leguas, e desta até a boca do rio Gurupi cousa de 50 leguas, que por todas vem a ser 120 leguas seguindo sempre a costa do mar. Pelo poente e sul é pouco conhecida a sua divisão da do Piaguay e da do Pará. Os mais practicos dos sertões assentam que o rio Gurupy tem as suas cabeceiras nas serras dos Geraes, proximas aos nascimentos dos rios Meary e Pinaré; e vem a ser estas serras a divisão das tres capitánias do Piaguay, Maranhão, e Pará. De sorte que as vertentes das ditas serras para leste e sul dividem a capitania do Piaguay; as vertentes das mesmas serras para o norte dividem a capitania do Maranhão; e as mesmas vertentes para oeste dividem a capitania do Pará, e chegadas as ditas vertentes a formar o rio Gurupy, este faz a divisão da capitania do Pará da do Maranhão; assim como o rio das Balças e o de Parnahiba, que nascem tambem das mesmas serras ou geraes [como lhes chamam] fazem a divisão da mesma capitania do Maranhão da do Piaguay. Estas mesmas serras para o sul e poente dividem a capitania do Pará do governo dos Goyazes, e minas da Natividade e de S. Felix. E pôsto que o bispado do Pará governe no espirital as minas de S. Felix, de que logo no seu principio mandou tomar posse, e ficou na jurisdicção espirital dellas; no temporal comtudo pertencem as ditas minas de S. Felix ao governo e comarca de Goyazes, ao qual pertencem no espirital e temporal todas as minas e descubertos que tem. Elrei D. João 5.<sup>o</sup> criou nos Goyazes uma prelazia, e outra no Cuyatá; mas até ao anno de 1758 ainda se lhe não haviam nomeado prelados, e estavam pertencendo ambas ao bispado de S. Paulo, excepto o descoberto de S. Felix, que pertencia ao bispado do Pará.

Tem a capitania do Maranhão entre outros os rios Parnahiba, Moni, Itapicurú, Meary, Pinaré, Turiagu e Gurupy. O primeiro desemboca no mar 70 leguas a leste da cidade do Maranhão; o ultimo 50 leguas a oeste da dita: o rio Turiagu faz tambem barra no mar a oeste da cidade do Maranhão cousa de 30 leguas: os rios Moni, Itapicurú, Meary, e Pinaré, todos formam uma grande bahia, que desemboca no mar por uma boca de cinco a seis leguas de largo, entre a ponta do Pereá da parte do sul, e a ponta de Itacunumim da parte do norte: e a dita bahia está semeada de muitas ilhas, sendo a principal de todas a ilha do Maranhão, em que está situada a cidade de S. Luiz.

## III.

*Ilha de S. Luiz do Maranhão.*

Pareceu-nos curiosa a descripção desta ilha, que encontrámos na cópia do fragmento d'uma carta ms. do P.<sup>o</sup> João Tavares, jesuita e missionario no Estado do Maranhão, para o seu visitador geral o P.<sup>o</sup> Jacintho de Carvalho; no anno de 1724. O principal fim desta carta é dar uma *breve descripção das grandes recreações do rio Moni do Maranhão*; e por esta occasião julga o P.<sup>o</sup> Tavares que = “ não é alheio desta relação, nem do fim della, dizer que tem esta ilha do Maranhão a fórma de uma cobra em arco, cuja cauda é a ponta da areia, onde está situada a fortaleza da barra, e cuja cabeça é aquelle negro boqueirão, o qual está olhando para a cauda; por entre cuja cauda e cabeça entramos para o ventre desta serpente, onde está situada a cidade do Maranhay (\*). Serve de crista positiça a esta cobra a ilha das cobras (*a do Medo?*), por entre a qual e o boqueirão tão medonhamente passámos a buscar a terra firme. Esta, fazendo pouta em Itacunumim (*tambem vimos escripto Ita-co-rumi*) dá um cêrco áquella cobra de trezentas e tantas leguas na minha estimação até a ponta de Mairi. Mairi e Itacunumim são as duas pontas da grande meia lua, que faz a terra firme, para dentro desta meia lua absorver a cobra ou ilha de Maranhay; para cujo effeito abre a terra firme sete horrorosas bocas dos sete famosos rios, que desagüam ao redor da ilha de Maranhay. Para a parte da cabeça até as costas da cobra lança a terra firme os quatro maiores rios, convem a saber, Pinaré, que para ter mais força desagüa unido com Meary; Itapicurú; e Moni: destes quatro rios não sabemos a nascença ainda dos tres primeiros. Para a parte do meio da cobra até a cauda lança a terra firme tres deliciosos rios, convem a saber, Tuabá, Anajatibá, Pereá: destes tres sabemos as nascenças, mas de nenhum dos sete sabemos os haveres dos seus incultos sertões: só sabemos serem habitados de homens, feras, ferozes; serem de terras pingues, cercados por fóra de amenas e fer-teis campinas sobremodo, as quaes *fluunt lacte et melle* sem exaggeração. Sertões frios, e por isso sadios. O quanto excedem estes sertões no saudavel aos do Pará, assim foram seus habitadores mais um pouco macios. Quantas vezes, navegando por estes rios, dizia com magna do meu coração; ah! senhor, não sois ainda servido de povoar estes rios de Missões! certo, que se isto se chegasse a conseguir, como se vai dispondo, deixaram os religiosos as delicias da Italia, não pelos trabalhos, mas pelas recreações do Maranhay.” =

(\*) Ao diante se verá a razão porque o P.<sup>o</sup> Tavares escreve *Maranhay* em vez de Maranhão.

## IV.

*A pororoca.*

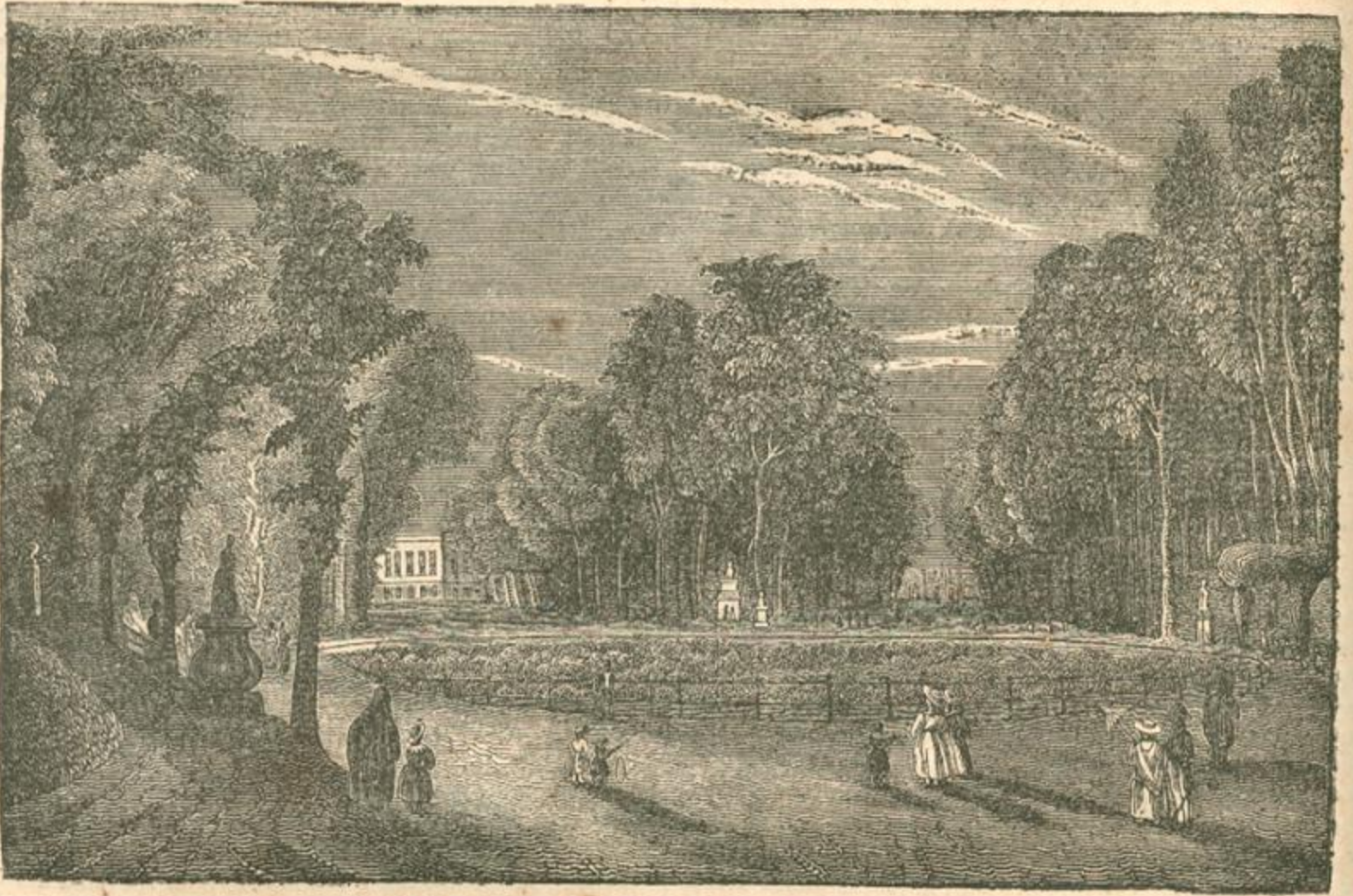
Nesta grande enseada do Maranhão observa-se o admiravel phenomeno da *pororoca*, que consiste em um movimento irregular das aguas na occasião da enchente das marés, entrando pelos rios e lagos acima com impeto inexplicavel. O jesuita, auctor de uns fragmentos mss., que vimos, pertencentes a mais extensa obra, que devêra ter por titulo = *Maranhão conquistado a Jesu-Christo e á corôa de Portugal pelos religiosos da Companhia de Jesus* =, obra que reputámos perdida, diz que = “ parece que o pézo das aguas do rio pugna com a fôrça da maré do mar, e com effeito a demora mais de tres horas, até que finalmente [continúa elle] rebenta contra o rio com tal furia, que parece cousa viva e espirituosa. Levanta-se primeiro um monte ou promontorio de aguas de altura de seis ou sete varas; a este se segue outro, e a este outro, e algumas vezes quatro; e daqui corre com tal velocidade por aquellas costas e baixios como um cavallo desenfreado; arrasta e despedaça tudo quanto entra contra e se lhe oppõe; arranca arvores, e bailam os troncos da maior grandeza com ella como se fossem sem uma boia. Segue-se a estes tres ou quatro marés grandissimos uma correnteza tão arrebatada como se fóra uma manada de cavallos uns sobre outros correndo desenfreados, mordendo uns nos outros, de sorte que os navegantes pelos rios acima despedem cousa de um quarto de legua depois da *pororoca*, e não só não é necessario remar a embarcação rio acima, mas é preciso muitas vezes encontrar os remos para a embarcação não ir cahir nos mares da *pororoca* e fazer-se nelles em pedagos. De sorte que dá este phenomeno uma facil navegação pelos rios acima, por onde entra. O modo que usam os navegantes para livrarem as embarcações do estrago, que lhes faria a *pororoca*, é esperarem-na em um logar muito fundo, porque nas partes fundas abatem aquelles promontorios de agua, e só se sente uma intumescencia ou altura de agua instantanea, e uma grande correnteza de aguas, para o que ou teem dado fundo a fortes amarras, e as vão largando por mão por não quebrarem nos primeiros impulsos da agua; ou estão em terra com cordas, tendo mão por ellas ás embarcações, em quanto passa a maior furia da corrente das aguas; passada a qual vão seguindo a mesma *pororoca* com summa velocidade e facilidade. Enche a maré em menos de um minuto primeiro, e quem a observa da terra em um abrir e cerrar dos olhos a vê subir do profundo do rio na vasante até a sua maior altura ainda nas margens fundas. Nos rios onde ha *pororocas* gasta a enchente pouco mais de duas horas, e vasa perto de dez horas.” =

O P.<sup>o</sup> João Tavares na carta já allegada dá deste phenomeno da *pororoca* uma tão poetica descripção, que nos pareceu que sem ella não ficaria bem acabado este maravilhoso quadro. = “ Em quanto a maré vasa [diz elle] tudo vai em paz; em a maré enchendo começam a pelejar em um logar a enchente, que vem do oceano, com a vasante, que vem dos ditos rios [Meary e Pinaré]. O logar desta peleja dista da barra dos dois rios como 20 leguas. Brigam alli a enchente com a vasante, sem a maré passar daquelle logar para diante por espaço de tres horas. Nestas tres horas toma a enchente fôrça, e nas aguas vivas toma maior fôrça; fóрма grande pé atraz, altêa sobre a vasante á

“maneira de dois homens, que estivessem forcejando peito com peito, e um delles vencendo levasse o outro abaixo de costas; assim vence a enchente, que naquella logar só alterca por tres horas, e no instante que cavalga sobre a vasante dá tal estouro, e continúa com tal urrar, e corre com tal violencia com tres marés, ou tres serras d’agua, lançando para traz a modo de gadelha branca desgredada uns fios d’agua, accommettendo a tudo quanto é baixo com tal furia, que parece vai a offender a seus contrarios, ou a acudir a algum descuido da natureza, arrancando arvores, derribando ribanceiras, e cobre em tres horas tudo quanto havia cubrir nas seis ordinarias de uma maré. Daqui vem vasar a maré até onde se fórma a *pororoca* 9 horas, e dahi para cima enche em tres horas.” =

= “Restava agora [continúa o allegado A. dos fragmentos do *Maranhão Conquistado*] examinar a causa desta extravagancia das aguas, a qual vi, e repetidas vezes tornei a ver, sem nunca chegar a perceber a sua verdadeira causa. Occorria-me que o pêso das aguas doces pugnando com as salgadas, depois de grande pugna vinha a vencer a força das aguas do mar, e com a força do recuo,

“que tinha tido naquella pugna, rómpia naquelle extraordinario impeto. Porem contra isto está que que em muitos, ou em todos os mais rios não far estes effeitos, e só são particulares no Estado do Maranhão, onde os ha só aqui, e nos rios do Meary e Pinaré perto da cidade de S. Luiz do Maranhão; e tambem se diz ha uma pequena *pororoca* no rio Guamá perto da cidade do Pará, e nos mais rios nada, nem nos da Europa e outras partes; e só se conta a mesma maravilha do rio Ganges na India. Alem de que observa-se no curso da dita *pororoca* que em muitas partes e rios largos succede correr primeiro uma margem, e depois descer pela outra por modo de redemoinho, correndo ao redor quantas corôas encontra, e acabado isto vai surgir mais acima, continuando o mesmo impeto com que principiára; de que se convence ter outra causa maior este movimento tão extravagante. Faz um grande estrondo o mar da *pororoca*, e se ouve em uma legua de distancia; commove tambem os ares em fórma que sempre a precede um grande vento commovido dos mares della. Isto é o que observei: deixo a outros o discurso das suas verdadeiras causas.” = J. H. da C. R. (Concluir-se-ha.)



VISTA DO PARQUE DE BRUXELLAS.

Este parque ou tapada, que tudo sôa o mesmo em velha linguagem portugueza, recorda com a sua denominação o que era ainda ha pouco mais de um seculo: um cercado onde se criava veação e outra caça brava para recreio de senhores. Ao presente converteu-se em publico passeio, composto de tres ruas parallelas, guarnecidas d’arvoredo, com seu jardim ao meio, e que n’uma grande extensão dá campo para se distrahirem das fadigas quotidianas com suave exercicio os moradores da capital da Belgica. Não lhe faltam ornamentos, e n’uma das alamedas fronteira ao paço real e á camara dos deputados ha varios bustos dos imperadores romanos, de marmore azulado, muitos dos quaes foram mutilados em 1830.

Já deste passeio fizemos menção a pag. 57 do vol. 3.º quando, appresentando a vista da praça real de Bruxellas, demos noticia desta cidade. Pouco accrescentaremos ao que então dissemos e quanto baste para completar a idéa da topographia desta capital. — O Senne, rio que nasce no districto de Naast, no Hainault, e vem pela parte meridional do Brabante, entra em Bruxellas, dividido em dois braços; um que passa pela praça velha do mercado, e outro que atravessa o jardim da Cartuxa: fórma quatro ilhas no interior da cidade, chamadas as duas principaes, *São Gery* e *Bom Soccorro*. A largura do rio, onde as suas duas ramificações se juntam, no mercado do peixe, anda por 30 pés ingl.; diminue muito no verão

e cresce consideravelmente de inverno. Não era navegável em parte alguma do seu curso, e para remediar esta desvantagem as auctoridades de Bruxellas em 1460 projectaram um canal que seguisse o leito do rio, mas acharam por mais de 70' annos embaraço na opposição que lhes faziam os moradores de Malines em litigio formal. Por isso adoptaram novo projecto, e começou-se o canal em 1550, proseguindo paralelo ao Senne até Vilvorde, donde se dirigia para Rupel, deixando Malines á direita, e continuando em linha recta até Willebroeck, e alli se juntava ao Rupel defronte de Boom. Este canal custou mais de milhão e meio de cruzados. A cidade de Bruxellas está 50 pés acima do nível de Willebroeck, mas esta difficuldade venceu-se por meio de cinco caldeiras ou lagos. Outro canal se abriu ultimamente entre Bruxellas e Charleroy: junto a Hal atravessa o Senne por meio de uma ponte aqueducto de tres arcos e continúa em direitura a Bruxellas, terminando no antigo fôssô da cidade; foi acabado em 1830.

A maior extensão de Bruxellas de nor-nordeste a su-sueste é um pouco mais de uma milha, e a largura pouco menos de uma milha. É da figura d'uma pera ficando a parte mais delgada para o occidente. Em parte está construida sobre o declive d'uma eminencia, e pelas desigualdades da superficie alguns a compararam, ainda que sem razão, a Genova e a Napoles. A muralha de adobes que a cerca tem oito portas, que dão para oito estradas reaes, pelas quaes se caminha para as differentes partes do reino, de que é centro a capital.

#### CIVILISAÇÃO COMPARADA DOS ANTIGOS E MODERNOS POVOS DA EUROPA.

(Concluido de pag. 220.)

Não se entenda porem que os costumes privados dos romanos, ainda mesmo na epocha da sua moralidade austera, foram um irreprehensivel modelo. O poder dos pais sobre a prole, e dos senhores sobre os escravos mantinha-se com toda a sua auctoridade barbara: o divorcio era facil e frequente. O pai de familias gosava do direito de vida e morte sobre seus filhos; e podia repudiar a mulher se a achava bebendo vinho ou por outros leves delictos domesticos: era um rei no centro da familia; mas enfim existia a familia, que os deuses penates protegiam, e que estava sob a sancção especial da lei, embora esta fosse imperfeita. A disciplina severa, por que toda a sociedade romana se regulava, influa tanto no publico como no particular; e supposto que rigorosa e inflexivel, era ao menos justamente distribuida. Nem contestamos nem defendemos este systema um tanto barbaro; mas sempre valia infinitamente mais que o de Lacedemonia ou Esparta, que foi obra d'uma philosophia atroz, que só lembrada faz horror. — Em Esparta o orgulho do cynico de mistura com a indolencia do selvagem substituia as affeições naturaes: o legislador tendo conhecido a impossibilidade de conservar em sua integridade nativa o affecto filial e o amor paterno sob o regime de leis, que separavam do filho o pai, da esposa o esposo, e que concediam ao estado o direito de adoptar, d'expôr, de vender, de matar ou de tirar por força os filhos de cada um, intentou supprir este defeito capital com uma miscellanea de obediencia passiva e de tyrannia sanguinaria, creando um estado temporario e violento, que ao primeiro assomo de verdadeira civilisação, ao primeiro impulso de necessidades imperiosas anteriormente desconhecidas, ou aos primeiros desastres que abatessem o orgulho, forçosamente vinha a terra e

se desfazia; como depois mostrou a historia. — Os athenienses, que pagavam mui caro aos seus cidadãos assalariados, e que por isso aspiravam só a restringir-lhes o numero, toleravam o infanticidio no feto e á nascença, golpe este funestissimo descarregado nas affeições domesticas. Neste mesmo estado a pobreza d'uns, a ambição d'outros, a azáfama dos negocios publicos, a penosa anciedade em que os ricos viviam debaixo da espada de Damocles que a plebe meneava ameaçadora, o abatimento moral do sexo feminino, augmentavam cada vez mais a distancia, a separação em que estavam pais e filhos relativamente. Escravos de qualquer dos sexos, pela maior parte gente devassa, eram as pessoas encarregadas de educar a mocidade de Athenas. Que relações existiriam entre taes filhos e seus progenitores? Poderiam sahir os mancebos aptos para em publico ostentarem os dotes com que em grandes reuniões brilha o homem que teve muitos mestres; poderiam sahir alguns excellentes rethoricos, outros afamados heroes de batalhas; mas o espirito das virtudes domesticas estava amortecido, e por ultimo desapparecera perante um chamado patriotismo fervido, fatuo, e fecundo em crimes apar d'algumas boas acções.

O filho do atheniense devia poucas obrigações reaes a quem lhe dá a existencia: mal abríra os olhos o tomára a seu cargo a republica; pertencia á patria: nem seu pai soffrêra privações ou fizera sacrificios para o criar. Os mancebos recebiam d'estrangeiros, pessoas indifferentes, e ás vezes despreziveis e abjectas, aquelles primeiros cuidados e desvelos que inspiram para toda a vida tão profunda e fervorosa gratidão. Por isso quantos delictos domesticos lemos na historia da Grecia! Quantas maldades e crimes se representaram nos seus theatros! Quanto era assombroso então, quão singular e digno de elogios um acto de piedade filial! Que leis publicou a republica contra os filhos e pais inhumanos; leis terriveis e reveladôras da immensa immoralidade, que minava a tranquillidade e a ventura das familias, e que provam clarissimamente a existencia dos crimes, que por suas clausulas e disposições deviam ser julgados e punidos!

O filho do romano era *uma propriedade* de seu pai: mas ao menos essa propriedade era pessoal; e a republica não dissolvía todos os vinculos entre pais e filhos. D'uns para outros reciprocamente resultava honra; existia a familia com toda a sua influencia e privilegios. Era consagrado o culto aos antepassados: os descendentes d'um homem insigne o consideravam como numen tutelar da sua casa: esta cadeia nobre prendia de geração a geração, e o estímulo e a recordação gloriosa ia tirar do ocio e brandura os netos dos Brutus, dos Publicolas. Formosa aristocracia era esta; indubitavelmente preferivel áquella democracia grega, turbulenta e corrompida, que, sob o pretexto de assegurar a independencia de cada individuo, mantinha só a independencia de todos os vicios!

Em Roma o melhoramento da condição dos escravos seguiu em linha paralela o grande melhoramento dos costumes domesticos. Não fallámos da Roma dissoluta, Messalina infame, coberta de sangue e lodo; mas sim da Roma primitiva, republica d'agricultores guerreiros, a quem ainda não podéra depravar o commercio com os gregos e os orientaes. O seu modo de tractar os escravos era austero, mas não indigno; muitas vezes lhes concediam alforria; e a sua politica, prudente e cautelosa sempre, attendia menos a augmentar o numero daquelles, que a extrahir dos povos conquistados subsidios ou recursos de varia especie. Pelo contrario, na Grecia, a grande quantidade d'escravos, o abatimento e miseria em

que viviam, e a mistura de licença que lhe concediam com a infâmia que os envilecia, eram fecundos mananciaes de delictos de toda a casta. Não precisámos fallar dos ilotas de Esparta, nem dos penestes da Thessalia; seus senhores serviam-se delles para saciar brutaes paixões, para serviços e encargos atrozés ou para satisfação de orgulho desmedido. A democracia atheniense ainda offerece um phenomeno mais extravagante: não subia o escravo a par do senhor, mas despenhava o senhor até a infima classe do escravo: não havia meio entre uma imprudente familiaridade e uma insolente tyrannia. Os fragmentos de descrições de costumes, que aos nossos tempos chegaram, e que reproduzem o tom ordinario da conversação entre o senhor e o escravo athenienses, provam que este ultimo, apparentemente tractado com brandura, era não obstante isso victima do caracter frívolo, alternativamente feroz e benevolo, abjecto e entusiasta, pueril e severo, que distinguia especialmente a nacionalidade atheniense.

Os romanos só vieram a imitar estes vicios e defeitos quando se extinguiu o seu caracter proprio, confundindo-se na imitação dos vicios das nações conquistadas, e cahindo em esquecimento as antigas virtudes varonis da republica. Mas até nos crimes, que comsigo trouxeram as riquezas, o amor do fausto e a dilatação do poder, mostrou este povo uma certa grandeza: mas depois a tyrannia e ambições sordidas e ao mesmo tempo sanguinarias, sepultaram de todo nos abysmos da prevaricação e da iniquidade o povo rei, que déra leis ao orbe conhecido, tendo-lhe anteriormente dado lições e exemplos de valor, de sobriedade, e de patriotismo.

Deixando porem estas considerações meio politicas, meio moraes, que são obvias aos menos versados na historia, examinemos as grandes e caracteristicas distincções entre os antigos e modernos povos, das quaes dimanam as differenças mais essenciaes que entre uns e outros observa o philosopho. A distincção maxima consiste na differença dos principios geraes religiosos, e na dissimilhança que apresenta a vida privada antiga comparada á moderna. Quem as analysar séria e imparcialmente conhecerá o quanto é chimerico querer applicar as formulas da vida e sociedade antigas ao presente estado social dos povos.

O *pantheismo*, ou religião que admittia muitos deuses, segundo a qual se estabeleceram as instituições antigas, era uma religião plastica; dividia a *fôrma*, e methamorphoseava em divindades todas as energias physicas. Daqui veio, até a propagação e dominio do *christianismo*, a enorme influencia dos exercicios e força do corpo. Os modernos desprezaram, talvez demasiado, a gymnastica, ao passo que entre os antigos era a base da educação. A luta, o circo, o estadio, a palestra, occupavam todos os cidadãos: nas relações sociaes destes por muito tempo duraram vestigios da mutua hostilidade, que era mantida pela rivalidade constante naquelles exercicios publicos. A amenidade, a graça no modo de tratar, a benevolencia apparente que denominamos hoje civilidade, não apparecem nos dialogos de Platão, nos fragmentos de Menandro, nem sequer nos escriptos do elegante Xenophonte. Verdade é que as artes floreciam em Athenas, e appareceram obras primas, cuja excellencia ninguem contesta; mas a sociedade não melhorava, não era por isso mais virtuosa, mais indulgente, mais benefica. Confessámos que os gregos foram insignes em tudo o que respeita aos prazeres, aos ornatos e enfeites, ás delicias da vida. Levaram ao maior apuro, para saciar sua sensualidade, engenhosas invenções, que os romanos, quan-

do corrompidos, trabalharam por imitar, posto que lhes faltou a delicadeza e o esmero da voluptuosa Grecia. As mezas dos athenienses eram magnificas; e os perfumes, as flores, o prestigio da harmonia, a lascivia das choreas e danças, requintavam o prazer dos convidados: não ha profusão, não ha extravagancia refinada que se equipare aos banquetes de Athenas, cuja memoria escriptores coevos nos transmittiram. Porem tudo isso era a vida publica, a hospitalidade semi-barbara de povos a quem uma civilização incompleta, por assim dizer, desbastou a grosseira cortiça, era a prodigalidade d'homens sensuaes, inteiramente entregues ás precisões physicas e aos gozos materiaes.

Olhemos porem para os ultimos tempos da antiguidade; veremos Roma e a Grecia confundirem-se e fazendo um só povo: todos os vicios do pantheismo se agglomeraram; e o que fariam homens que nos seus numes, no seu culto religioso tinham exemplos de toda a casta de dissoluções? . . . — Os prazeres physicos, a sede de sangue humano, o orgulho dos patricios ou nobres, a infâmia dos escravos, a vileza dos libertos, tudo que o mundo antigo creára acabou de se corromper simultaneamente; e desse cáhos sahiu um moustro immenso — um colosso de sangue e lama — a sociedade romana sob o jugo dos imperadores. Foi este o ultimo resultado do pantheismo: era então necessario que o mundo social mudasse de ordem, e com effeito mudou-se. Introduziu-se na sociedade uma fé, uma crença nova, que divinisa o *espirito*, e arremegava do throno, que por seculos occuparam, as *fôrmas materiaes*. A pouco e pouco os costumes e a vida familiares, desterrados da Grecia, comprimidos em Roma pela rigidez derivada dos acampamentos marciaes, converteram-se em necessidade poderosa para a humanidade afflicta e paciente. A Europa, gemendo sob o peso d'immensos desastres, só offerecia aos individuos uma unica probabilidade de ventura; esta a deviam buscar no retiro ou solidão domestica, longe do tumulto e agitação das praças publicas. O christianismo ajudou a propagar estas idéas e sentimentos. Com effeito, até sob o regimen feudal, o servô teve casa, mulher e filhos. Matar um homem passou a ser crime perante a religião, como perante a natureza. Principios diametralmente oppostos aos que tinham regido a sociedade antiga dominaram na moderna, mas geraram vicios contrarios: as mulheres, a final emancipadas, usurparam uma liberdade por vezes abusiva, e pagaram com o inestimavel preço da sua felicidade o abuso que fizeram da independencia. Avultou o numero dos pobres, protegidos e sustentados pelos conventos: creou-se no estado um estado alheio a todos os principios da sociedade humana. Certamente que deveriamos chorar com lagrimas de sangue a imperfeição inherente á nossa especie, se no meio dos novos vicios e defeitos da sociedade christã não descobrissemos o progresso lento, o successivo melhoramento dos destinos do homem. Esta melhoria foi e tem sido evidente: se, por exemplo, os mosteiros e conventos prejudicaram o desenvolvimento das affeições e virtudes domesticas, a civilização gradualmente destruiu essas anomalias sociaes: as medidas legislativas deceparam uma arvore carunchosa, que estava prestes a desabar.

Os vinculos da sociedade intima estreitam-se cada vez mais; e da communhão dos interesses e relações das familias é que vai nascer o interesse geral do estado: os estados entre si passam a ser considerados como grandes familias.

A vida privada em toda a sua amplitude e vanta-

gem é uma invenção das nações modernas; é o resultado necessario da sua constituição religiosa, politica e social. A escravidão vai desaparecendo, e o futuro promette que os esforços empregados para se extinguir totalmente obterão feliz e completo resultado. As populações não estão concentradas, mas espalhadas por vastas extensões de terreno; o numero dos proprietarios cultivadores consideravelmente se tem augmentado: a industria enriquece-se com methodos aperfeiçoados e novos productos: a sciencia, em vez de se consagrar como antigamente a trabalhos especulativos, em vez de ser um passatempo, dedica-se a fins uteis e a augmentar os commodos da vida, converte-se em instrucção regular e proveitosa. A guerra já não pede aos povos tributos tão exorbitantes como outrora; e os principios mantenedores da paz cada vez mais se propagam. Os sistemas governativos, mais ou menos rasoaveis, mais ou menos beneficos, concordam todos em não roubar ao cidadão todo o seu tempo, que é o mais precioso dos thesouros. As familias, as propriedades firmam-se em fundamentos muito mais estaveis.

Donde porem nasceu a nova e legitima igualdade entre os homens? — Porque motivo as relações entre pais e filhos, esposos e esposas, se estabeleceram dentro dos justos limites e naturaes proporções? — Como chegaram as gerações modernas a reconhecer a necessidade de mutuamente se auxiliarem, ainda a custa de reciprocos sacrificios? — Porque cessaram d'existir ou se enfraqueceram as anomalias da antiguidade, e o egoismo de uma nacionalidade exclusiva, imperiosa, despotica? Porque rasão é hoje o mais formoso attributo do genero humano a caridade universal, o amor do proximo, virtude preconizada por alguns escriptores antigos, mas esquecida na pratica nessas eras, e reputada como theoria ou subtileza metaphysica? — Examinai a lei christã e achareis a resposta a todas estas perguntas: reconheceréis no progresso social o immenso beneficio do christianismo. Esta religião de paz, e toda espirital, santificou os preccitos mais puros da lei natural, deu-lhes valor aos olhos dos homens, e santificou igualmente os vinculos mais intimos das familias, igualou os homens perante o tribunal divino, abriu os inexgotaveis mananciaes da esperanza e consolação, vivificou a caridade, e com tão importantes alterações nos costumes e nas crenças reformou a sociedade humana, que sob a sua protecção e influencia se encaminha ao auge de aperfeiçoamento de que pode ser susceptivel.

Depois de pesadas attentamente estas breves considerações, cremos que não haverá quem pertenda, obstando ao progresso da actual civilisação, restabelecer os principios das sociedades que ha seculos caducaram, principios inteiramente oppostos ao nosso estado presente e a todo e qualquer futuro melhoramento.

#### AS PEDRAS FIADAS E TECIDAS.

##### *Descuberta moderna.*

VAI este nosso seculo tão recheado de novidades, que ameaça uma completa metamorphose no universo. — Os balões aerostaticos já elevam o homem até ás nuvens, e como qualquer aguia ou falcão passeia pelas vastidões do espaço. — O vapor não ha resistencias que não vença, distancias que não salte de um só pulo; e debaixo da influencia deste potentissimo agente a politica e o commercio não são já os mesmos, que eram ha quarenta annos. — Os desenhos obtidos pela luz conforme as descobertas recentes de M. M. Talbot e Daguerre prognosticam uma

proxima e total revolução nas bellas artes. — Mas nada disto se póde comparar com outra nova descoberta, de que neste artigo queremos dar noticia a nossos leitores; que mal sabem elles que dentro em pouco tempo não será preciso ao homem vestir-se de despojos dos animaes; não; porque não se concilia com o espirito caritativo deste nosso seculo maltratar nem tirar a vida aos pobres animaesinhos com simples proveito do egoismo humano. Prevalecerá em todo o universo a opinião dos bons brameses da India, que desde mui remotas eras tratam com caridade de verdadeiros proximos a todos os bichinhos da terra. Tambem não será preciso ao homem vestir-se de producto algum vegetal; não; porque os vegetaes tambem vivem, os vegetaes tambem sentem, e é opinião mui provavel que são dotados de finos e exquisitos nervos. Esta, se escapou aos brameses, não se occultou á perspicacia e observadora paciencia dos nossos physiologistas da Europa. Assim se acham tambem as plantas elevadas á alta cathedra de proximos; e a um philosopho critico me lembra de ouvir dizer que pouco faltava para defenderem conclusões magnas. — Para onde pois se volverá o homem? Só lhe resta o refugio do reino mineral. Busque pois, e achará que é justamente nesses corpos, verdadeiramente, não digo mortos, mas sem vida, verdadeiramente brutos, verdadeiramente inertes e insensiveis, que deve daqui ávante ir prover-se de vestuario, e deixar em paz os proximos da zoologia e botanica.

Com tudo isso não vá o homem do seculo presente exclamar arrogantemente do alto do seu throno = tudo quanto faço é novo! = nem nos mande em tom de mestre escrever como fidelissima expressão da verdade as palavras que houver de dictar-nos (1): que nós, amanuense ruim de contentar, poderemos responder-lhe affoutos = alto lá! que debaixo do sol nada ha que seja novo; e se por ventura te abalanças a dizer «isto sim que é moderno», entende que isso já lá vem muito detraz, desde esses remotos seculos, que ante nós passaram (2).

E com effeito, a descoberta de que fallamos não é nova em toda a sua extensão; já desde seculos distantes persiste algum rudimento della. Mas apesar disso, tão melhorada está, que se faz credora de um privilegio de novo invento. — Bem conhecida é a celebre pedra amianto, cujos fios são susceptiveis de fiar-se e tecer-se em panno. Esta propriedade do amianto, comtudo, foi quasi nulla em resultados para as artes. Se exceptuarmos algumas mortalias, que pela vantagem de sua incombustibilidade eram usadas entre os romanos para receberem puras as cinzas dos finados; se exceptuarmos a pequena obra tecida com agulha de meia que Mr. Patrin nos affirma ter visto em Ekaterinbourg em 1786, *Nouveau Diction. d'Hist. Natur. appliquée aux Arts, art. Amiante*, não nos resta noticia de outro uso algum deste mineral; sem duvida, porque a sua raridade o tornava excessivamente caro, por tanto fóra do commercio commum; por quanto apenas se encontra em algumas minas da Saboia e da Siberia. Mas hoje pouco importa que o amianto seja raro e d'excessivo prego, porque em qualquer pedra da rua temos uma mina de amianto. Lá dizem os naturalistas, que bem o sabem, que não ha saltos na natureza; e nesta descoberta se viu verificado o

(1) Et dixit qui sedebat in throno: Ecce nova facio omnia, Et dixit mihi: Scribe, quia hoc verba fidelissima sunt et vera. — Apocal. cap. 21 v. 5.

(2) Nihil sub sole novum, nec valet quisquam dicere: Ecce hoc recens: jam enim processit in seculis, quae fuerunt ante nos. — Eccles. cap. 1 v. 10.

aphorismo pelas paulatinas gradações por que foi passando até chegar ao ponto culminante da perfeição em que hoje se acha.

Já tempo havia que os chimicos tinham chegado a reduzir o vidro a fios tão finos, que se podiam te- cer e usar para tapeçarias, as quaes em brilhantismo não eram somenos que os tecidos de seda, d'ou- ro, ou de prata. Mas para passar daqui a fiar o cristal de rocha e o quartzo, substancia que abaixo do diamante e de algumas pedras finas é uma das mais duras, menos fusiveis, e mais refractarias que se conhecem, havia, digo, ainda um largo passo a dar. Houve quem desse esse passo de gigante. Foi Mr. Gaudin, chimico francez, que á Academia das Sciencias de Paris em sessão de 29 d'Abril de 1839 fez a communicação de ter fundido o quartzo por um processo extremamente facil, reduzindo-o a fios de consideravel elasticidade e tenuidade, chegando a ter o comprimento de tres a quatro pés, e assaz flexiveis para se dobarem em meada. Logo na mes- ma sessão os mais abalisados physicos da Academia deram a entender as incalculaveis vantagens que se podiam tirar de fios tão inalteraveis. Mr. Becquerel não duvida substitui-los na balança de torsão aos fios metallicos: Mr. Arago quer fazer a mesma substi- tuição nas pendulas; e Mr. Biot espera que da com- paração dos phenomenos do cristal de rocha natural com os do cristal de rocha fundido se tirem grandes esclarecimentos ácerca dos até aqui tão obscuros mysterios da constituição molecular intima dos cor- pos, ácerca da refração dobrada e outros phenome- nos da luz, &c.

Mr. Gaudin não parou aqui; e como mui natural consequencia deste primeiro facto annunciou na ses- são da Academia de 6 de Maio do mesmo anno que igualmente se podem fiar todos os compostos silicio- sos, e por consequente o grez, que fórma as calçadas de Paris. E é cousa notavel que os fios tirados des- ta ultima substancia, em vez de serem simplesmen- te transparentes, são d'um branco puro, cõr de pe- rola, assetinado, ou scintillante, de mui bello effei- to; e até se chegam a confundir [diz o A.] com fios de seda.

Um critico francez, Mr. Ph. B., observa que com quanto sejam bellos estes tecidos, com quanto sejam brilhantes estes enfeites de creação physico- chimica, poderão por ventura algumas damas deli- cadas pôr o reparo de que nem por isso deixam de ser uma pouca de terra siliciosa, ou uns poucos des- ses vis seixos, que cobrem tão grande parte da su- perficie do globo: mas o auctor preveniu estes repa- ros, e segundo o critico annuncia ás senhoras, tam- bem sabe fiar as esmeraldas, e promptificará quan- tas meadas forem necessarias.

Eis-nos pois vestidos de pedra: e á vista de tão maravilhosa invenção não será muito que daqui a tempos vejamos tambem as pedras transformadas em alimentos. Então sim; então é que o mundo terá chegado á sua perfeição; e o inventor dessa maravi- lha será para nós um grande Apollo. Ás idades de ouro, de prata, e de ferro, poderemos sem escru- pulo acrescentar a idade de pedra, e segundo o di- zer do critico acima citado bem de pedra são já es- tes nossos tempos, se attentarmos na sua dureza.

Mas parece-nos agora ouvir de algum de nossos leitores um novo reparo. Se desde já [dirão] pode- mos trajar camizas e calças de pedra, se dentro em pouco tempo poderemos tambem comer pão de pe- dra; sem duvida finar-se-hão de puro abandono a creação dos animaes e a cultura das plantas. Ora as pedras não se reproduzem todos os annos; e se pas- sados alguns seculos se exaurirem as pedreiras, que

fará o genero humano? A isto já Mr. Gaudin, com sua costumada previdencia, havia antecipadamente respondido com outra nova descoberta. Sabei pois que Mr. Gaudin já antes de desfazer as pedras em meada sabia fabricar pedras duras artificiaes, que quasi igualam em dureza as naturaes; e não só fa- brica quaesquer pedras; sabe tambem tirar do grez perolas finas, tão boas ou melhores que as perolas naturaes, pois que ao mesmo brilhantismo juntam a dureza do cristal de rocha, dureza tão superior á de quaesquer compostos calcareos. E como nem um só atomo de materia se anniquila na natureza, sempre haverá provimento de ingredientes para a fabrica- ção das pedras; e assim tudo está arranjado.

Por ultimo escusamos advertir que Mr. Gaudin guarda mui escrupuloso segredo no processo da sua invenção; e que os fios de cristal que appresentou á Academia pareceram a algum observador terem uma insignificante flexibilidade mui inferior á da seda; e que por tanto estes bellos tecidos cristalinos apenas por ora brilham nas esperanças do auctor.

J. H. da C. R.

QUANDO se diz que uma cousa é gostosa ou desgostosa deve entender-se que se diz sómente que ella pa- rece assim á maior parte da gente, não contando a depravação do gosto dos que entenderem o contra- rio. Não ha cousa mais verdadeira que dizer-se que o assucar é doce; da mesma fórma que se diz que para uma pessoa ser bem feita ha-de ter as pernas direitas: ide porem prégar este evangelho aos cam- baios, e ás nações azedas que não gostam de doces, e vêde o fructo que tirais do vosso sermão. De que ha gostos depravados é certo que se não pôde duvi- dar, porem se a depravação do gosto procede de um vicio d'imaginação, se de uma disposição particular dos humores, ou se de ambos estes principios combi- nados é decisão, que deixo aos professores, ignoran- do a causa e sabendo somente dos effeitos. . . . . Viajando para Hollanda vi comer os marinheiros quasi todos os seus guizados com alcatrão e com breu: tambem parece que comi algum destes ingredientes, porem declaro que, se tal foi, foi contra minha von- tade. Nas terras da Hollanda vi comer tabaco; em outras terras o tenho visto mascar; porem alli é on- de o tabaco se come verdadeiramente. No principio admirava-me de ver tanta gente com uma face in- chada, porem conheci facilmente que era o tabaco, que trazem na boca como um confeito do Porto. — Em Amsterdam encontrei um gôsto depravadissimo. Queimando alecrim de Portugal em casa de Mr. Loydens, onde estive pousado sete dias em 1734, me pediram suas filhas que quando quizesse tomar aquelle remedio que me fechasse na minha camara, porque o fedor da herva era tão grande que o não podiam soffrer. Como ellas não entendiam portuguez disse-lhes que não era o mel para a boca do asno. Uma criada da estalagem d'Hannover vendo uma caixa de pastilhas de cachondé feitas no convento de S.<sup>ta</sup> Anna, que eu trazia de Lisboa, me pediu umas poucas: fui tão tôlo que lh'as dei, e ella tão bêsta que as provou, porem cuspiendo fóra no mesmo ins- tante começou a chorar, e foi dizer a sua ama que o passageiro lhe tinha dado peçonha. — *O cavalheiro, Francisco Xavier d'Oliveira. Tom. 1. cart. 16.<sup>a</sup>*

DIZIA o sentencioso D. Francisco de Portugal que a pessoa, que de nenhum aggravo se offendia, nenhum merecimento a obrigava.

O mesmo chamava aos medrosos, naufragantes sem tempestade.